

HISTÓRIAS
EXTRAORDINÁRIAS
EDGAR ALLAN
POE

A Máscara da Morte Vermelha
O Coração Revelador
O Gato Preto
O Retrato Oval

Ilustrações de
Poly Bernatene





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Histórias Extraordinárias

EDGAR ALLAN



Ilustrações de **Poly Bernatene**



Sumário

[A Máscara da Morte Vermelha](#)

[O Coração Revelador](#)

[O Gato Preto](#)

[O Retrato Oval](#)

[Sobre o autor](#)

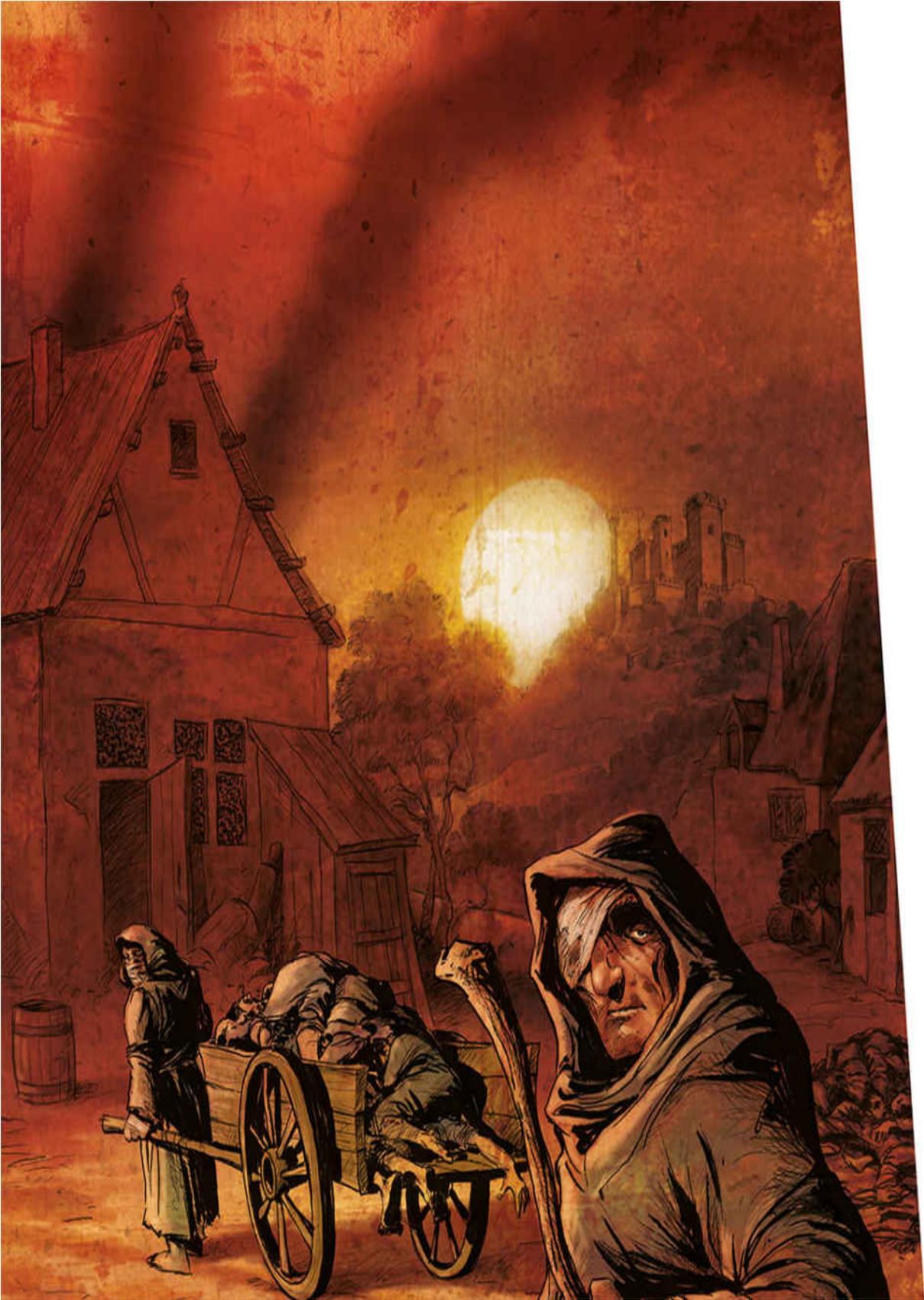
[Sobre o ilustrador](#)

[Créditos](#)



A Mascára da Morte Vermelha





A “Morte Vermelha” havia muito devastava o país. Nenhuma praga jamais fora tão fatal ou horrenda. Ela se manifestava pelo sangue, e este era sua marca – o vermelho e o terror do sangue. Vinham dores agudas, tontura repentina e sangramento abundante pelos poros, seguido de liquefação do organismo. As manchas escarlates no corpo e, principalmente, no rosto eram a maldição que isolava a vítima da ajuda e da compaixão de seus semelhantes. Em geral, a contaminação, o progresso da doença e a morte ocorriam em meia hora.

Mas o príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando a população dos seus domínios já tinha sido reduzida à metade, ele convocou à sua presença mil amigos sadios e alegres, dentre os cavaleiros e damas de sua corte, e com eles se retirou para a reclusão de um de seus palácios encastelados. O lugar possuía uma estrutura extensa e magnífica, criação de um príncipe com gosto excêntrico, porém majestoso. Muralhas fortes e elevadas protegiam o castelo. O acesso era através de portões de ferro. Os cortesãos, após entrar, soldaram as trancas dos portões com a ajuda de fornalhas e malhos. Tinham decidido não deixar meios de ingresso ou fuga, no caso de surgirem lá dentro impulsos desesperados. A fortaleza fora amplamente abastecida. Com tais precauções, os cortesãos esperavam evitar o contágio. Que o mundo exterior cuidasse de si mesmo. Enquanto isso, era bobagem se preocupar ou até mesmo pensar no assunto. O príncipe providenciara todas as formas de diversão. Havia bufões, atores, dançarinas, músicos, belas mulheres e vinho. Tudo isso, mais segurança, dentro da fortaleza. Fora, a Morte Vermelha.

Ao final do quinto ou sexto mês de retiro, enquanto a peste assolava furiosamente o mundo exterior, o príncipe Próspero resolveu divertir seus mil amigos com um baile de máscaras de suntuosidade invulgar.

Aquele baile foi um acontecimento exuberante. Mas, primeiro, deixe-me falar sobre as dependências em que ele ocorreu. Eram sete salas, que formavam uma suíte imperial. Em muitos palácios, quando as portas dobradiças entre as salas são abertas, tais suítes formam um único salão comprido. Assim, a vista de toda a extensão do salão é praticamente desimpedida. Ali, o caso era muito diferente, como se poderia esperar, dado o gosto do príncipe pelo bizarro. As salas eram dispostas de forma tão irregular que a vista alcançava pouco mais do que uma de cada vez. Havia uma volta a cada vinte ou trinta metros, e cada uma delas produzia um efeito novo. À direita e à esquerda de cada parede, bem no meio, havia uma janela

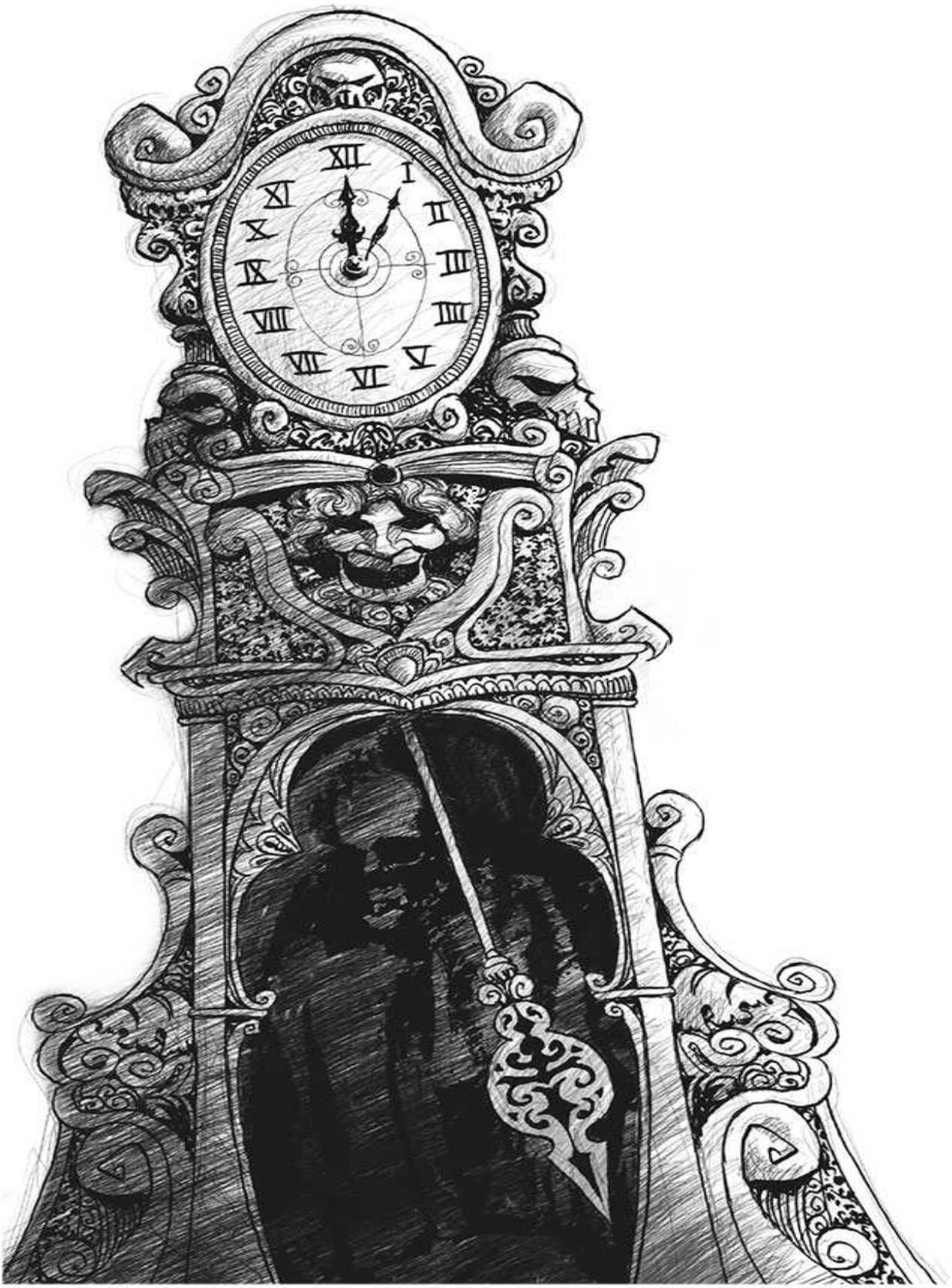
gótica, alta e estreita, dando para um corredor fechado que acompanhava a sinuosidade da suíte. Essas janelas eram feitas de vidro tingido, cuja cor variava de acordo com a nuance dominante na câmara para onde se abria. A da extremidade na parte leste, por exemplo, era azul – e azuis brilhantes eram suas janelas. Uma outra câmara ostentava decorações e tapeçarias na cor púrpura, e ali os vidros eram purpúreos. A terceira sala era totalmente verde, assim como as janelas. A quarta era decorada e iluminada em laranja, a quinta em branco e a sexta em violeta. A sétima câmara era totalmente recoberta por tapeçarias de veludo negro, que pendiam do teto, cobriam as paredes e caíam em grandes dobras sobre o carpete de material e tonalidade idênticos. Mas, ao contrário dos outros aposentos, nesse a cor das janelas não correspondia à decoração. Seus vidros eram de cor escarlata – uma tonalidade escura de sangue. Não havia luminárias ou velas emanando nenhum tipo de luz dentro dessas câmaras. Entretanto, nos corredores que acompanhavam a suíte ficavam, sobre tripés, atrás de cada janela, braseiros com fogo, projetando seus raios através do vidro tingido e assim iluminando brilhantemente as salas. Isso produzia uma quantidade de efeitos visuais fantásticos e grandiosos. Assim, na câmara da parte oeste, a negra, o efeito da luz do fogo através dos vidros cor de sangue era por demais assustador, produzindo uma visão tão desvairada das feições de quem entrava ali que poucos ousavam pôr os pés naquele recinto.





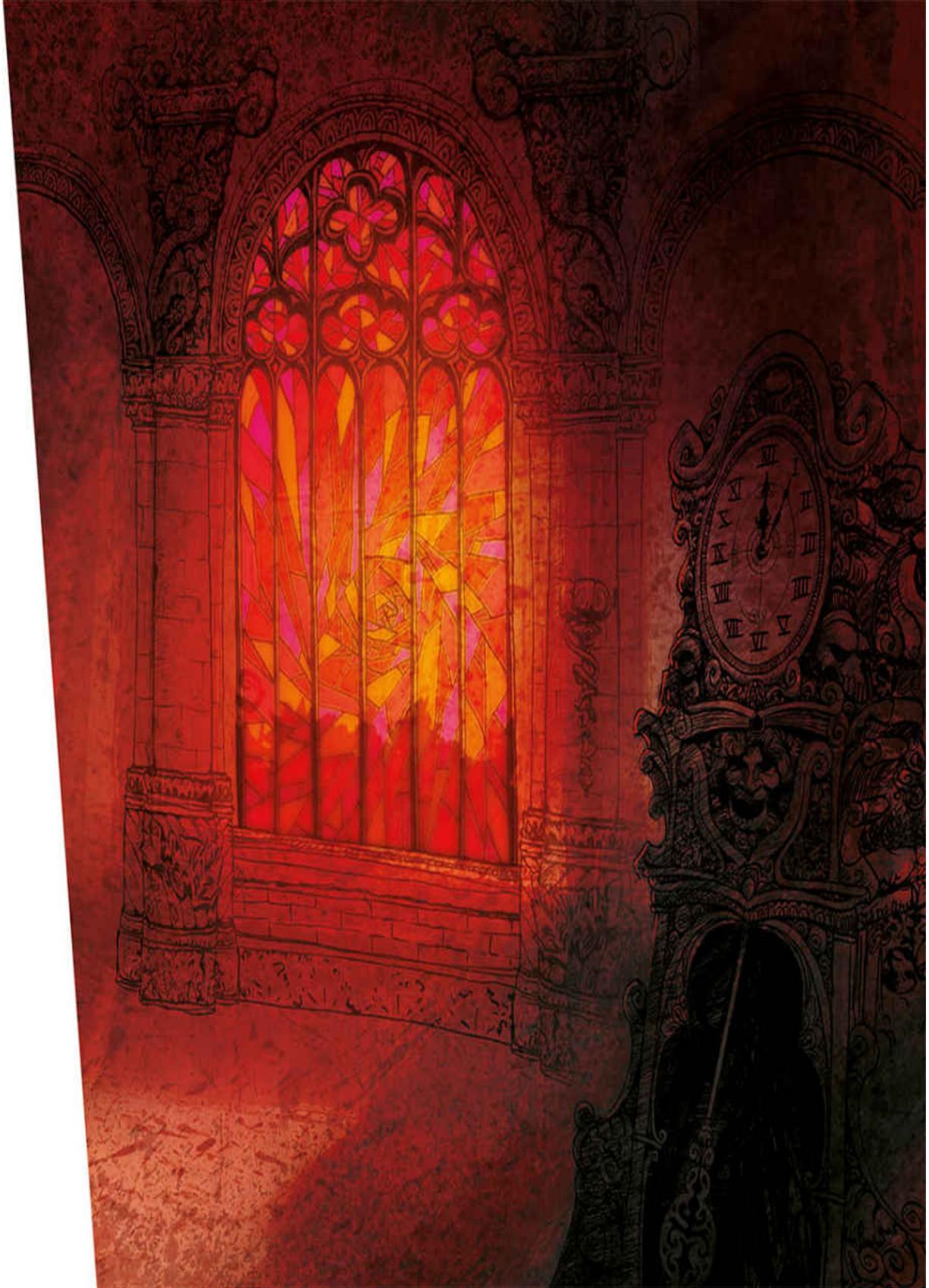
Era nessa sala, também, que ficava um gigantesco relógio de ébano, apoiado na parede do lado oeste. Seu pêndulo balançava de um lado para o outro com uma batida monótona, pesada, melancólica; e, quando o ponteiro dos minutos completava a volta, e uma hora cheia seria anunciada, vinha, dos pulmões de bronze do relógio, um som que era claro, alto, profundo e extremamente musical, mas de uma nota tão particular que, a cada hora, os músicos da orquestra eram compelidos a parar de tocar, momentaneamente,

para escutar esse som. Assim, os valsistas eram forçados a cessar suas evoluções, o que provocava um breve desconcerto na alegria de todos. E, enquanto os sinos do relógio badalavam, os mais divertidos empalideciam, e os mais velhos e serenos passavam a mão pela testa, como se estivessem num sonho confuso. Mas, quando os ecos cessavam por completo, uma gargalhada leve permeava os convivas; os músicos se entreolhavam e riam, como que de seu próprio nervosismo, ao mesmo tempo que prometiam, uns aos outros, não se perturbar tanto quando da próxima badalada. Então, após o lapso de sessenta minutos (que abrangem três mil e seiscentos segundos do Tempo, que voa), vinham uma nova badalada do relógio e os mesmos tremores, desconcerto e introspecção de antes.



Apesar de tudo isso, aquela era uma festa alegre e magnífica. O gosto do príncipe era peculiar. Ele possuía um bom olho para cores e efeitos e ignorava os ditames da moda. Suas ideias eram ousadas e ardentes, e seus projetos cintilavam com um brilho bárbaro. Algumas pessoas o julgavam louco. Seus seguidores achavam que não. Era necessário ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para ter *certeza* de que ele não era demente.

Ele mesmo havia supervisionado, em grande parte, a decoração das sete salas por ocasião dessa festa grandiosa. Foi seu gosto pessoal que, também, orientou a criação das fantasias de seus convidados. Por certo que eram grotescas. Havia muito brilho e ostentação, malícia e ilusão – muito disso foi visto, desde então, nas encenações de *Hernani*^[1]. Havia figuras arabescas com enfeites e adornos inadequados. Havia fantasias delirantes, como as de um louco. Havia algo de belo, algo de devasso, algo de bizarro; um pouco de terrível, mas nada que provocasse aversão. Pelas sete câmaras desfilavam, de fato, uma multidão de sonhos. E estes – os sonhos – desfiguravam-se em seu caminho, com os matizes das salas, fazendo a música desregrada da orquestra parecer o eco de seus passos. E, na hora certa, faz-se presente o relógio de ébano, que fica no salão de veludo. Então, por um instante, tudo para, tudo é silêncio, salvo a voz do relógio. Os sonhos parecem congelados. Mas os ecos das badaladas somem na noite – eles duraram apenas um instante – e uma risada leve, contida, os segue em sua saída. E novamente a música cresce, os sonhos vivem e se contorcem mais alegremente que nunca, assumindo os matizes das muitas janelas coloridas que filtram os raios de luz vindos dos tripés. No entanto, nenhum dos mascarados se aventura na sala localizada mais a oeste das sete, pois a noite está minguando, e lá flui uma luz cada vez mais rubra através dos painéis cor de sangue. O negro das cortinas de veludo assusta; e, para aquele cujo pé pousa sobre o tapete escuro, vem do relógio de ébano próximo um som abafado que é mais empático do que os outros sons que chegam aos ouvidos daqueles que se abandonam aos divertimentos remotos das outras salas.



Mas esses outros aposentos estavam apinhados de convivas, e neles batia febrilmente o coração da vida. E o festim continuou em seu turbilhão, até que o relógio começou a anunciar a meia-noite. Então a música cessou, como já falei; e as evoluções dos valsistas pararam. Houve a interrupção desconfortável de todas as atividades, como antes. Mas agora seriam doze as badaladas a ser soadas pelo relógio... E assim aconteceu. Talvez a reflexão tenha se infiltrado, com mais tempo, na mente de alguns dos que festejavam. Talvez tenha sido assim também que, antes que os últimos ecos da última badalada se afundassem totalmente no silêncio, muitos indivíduos, na multidão, perceberam a presença de uma figura mascarada que não tinha chamado a atenção de ninguém até o momento. E, tendo a notícia dessa nova presença se espalhado pelos aposentos, provocou entre os convivas um rumor, um burburinho, expressando desaprovação e surpresa – e depois, finalmente, medo, horror e repulsa.



Em tal assembleia de quimeras que retratei, era de supor que nenhuma aparência pudesse provocar tal sensação. Na verdade, a permissão para

fantasias naquela noite era praticamente irrestrita; mas a figura em questão tinha surpreendido o mau gosto, ultrapassando até mesmo os limites da permissividade do príncipe. Existem acordes, no coração dos mais ousados, que não podem ser atingidos sem emoção. Mesmo para aqueles completamente perdidos, para quem vida e morte são gracejos, há questões das quais não se pode zombar. Todos os presentes, de fato, pareciam concordar que na fantasia e na atitude do estranho não havia graça nem decoro. A figura, alta e magra, estava envolta dos pés à cabeça em uma mortalha. A máscara que escondia o rosto era tão perfeita na imitação das feições de um cadáver que uma análise cuidadosa teria dificuldade para perceber a ilusão. Ainda assim, tudo isso poderia ter sido suportado, senão aprovado, pelos convivas ensandecidos. Mas o mascarado tinha ido ao limite de simbolizar a Morte Vermelha. Suas vestes estavam manchadas de *sangue* – e sua fronte larga, assim como a face, borrifada com o horror escarlate.



Quando os olhos do príncipe Próspero deram com essa imagem espectral (que, com movimentos lentos e solenes, como se para sustentar seu papel, caminhava entre os valsistas), ele se convulsionou, num primeiro momento, com um forte tremor de horror ou desgosto e, em seguida, sua fronte ficou rubra de raiva.

– Quem ousa – ele indagou asperamente aos cortesãos próximos –, quem ousa nos insultar com essa zombaria blasfema? Agarrem-no e tirem sua máscara, para que saibamos quem vamos enforcar, ao amanhecer, nas muralhas!

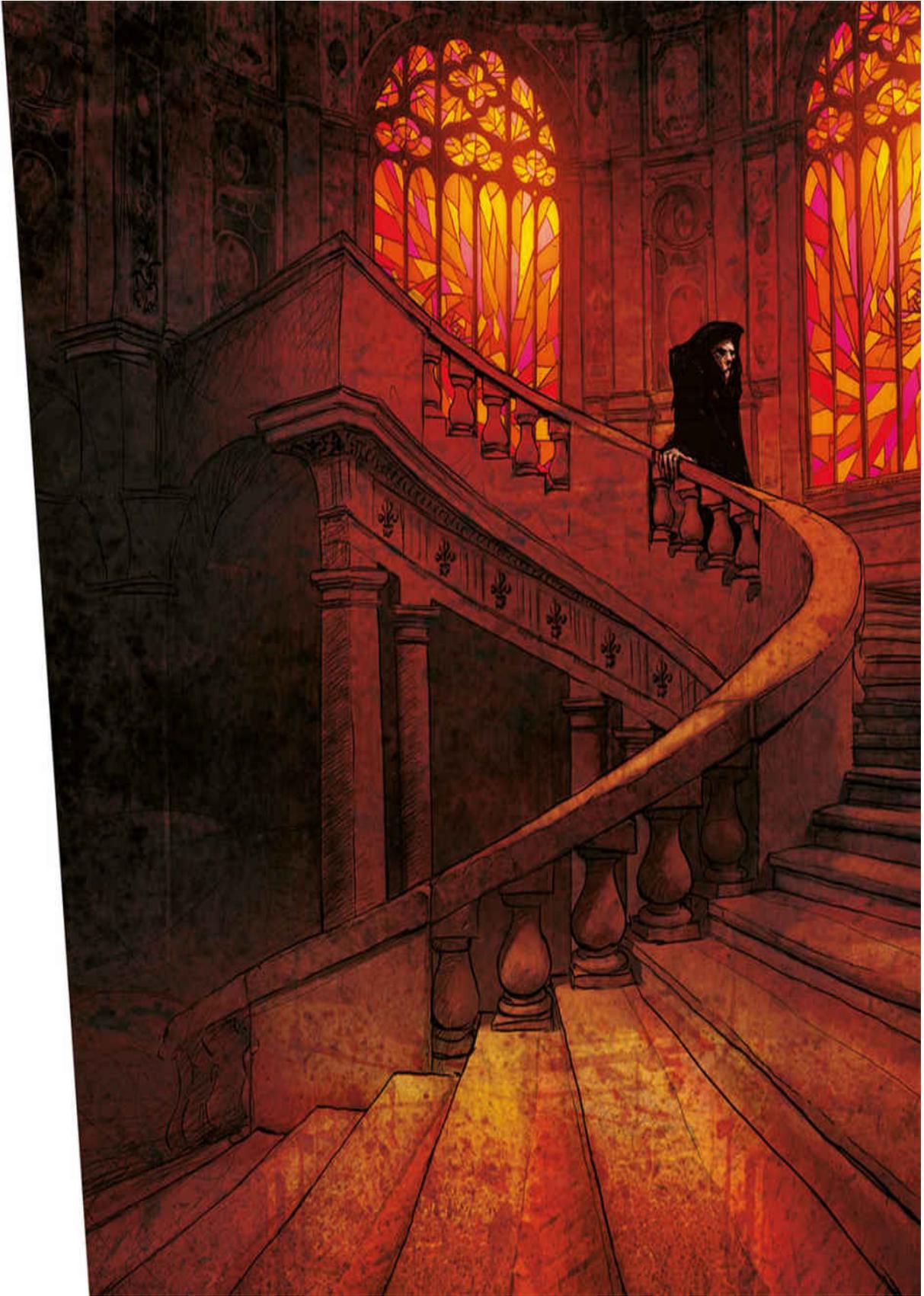
Foi na câmara da parte leste, a azul, que o príncipe Próspero proferiu essas palavras. Elas ecoaram alto e bom som pelas sete salas, pois o príncipe era um homem destemido e robusto, e a música tinha cessado com um aceno de sua mão.

Era na sala azul que o príncipe estava, com um grupo de cortesãos pálidos a seu lado. Primeiro, quando ele falou, houve um breve movimento desse grupo na direção do intruso, que, naquele momento, estava ao alcance e, com passos deliberados e lentos, aproximou-se do príncipe. Mas, devido a um espanto indefinido que a arrogância insensata do mascarado provocara em todos, ninguém ousou se adiantar e detê-lo. Assim, desimpedido, ele passou a menos de um metro do príncipe e, enquanto a multidão se encolhia junto às paredes das salas, o estranho seguia seu caminho sem obstáculos, com o mesmo passo solene e medido que o tinha destacado em princípio. E assim foi da sala azul para a púrpura, da púrpura para a verde, da verde para a laranja, desta para a branca, e dali para a violeta, sem que nenhuma iniciativa para detê-lo fosse tomada. Foi então que o príncipe Próspero, enlouquecido de raiva por sua própria e momentânea covardia, correu apressadamente ao longo das seis câmaras, sem que ninguém o seguisse, em decorrência do terror mortal que de todos se apossara. Ele conduzia, erguida, uma adaga e tinha chegado, rápida e impetuosamente, a três ou quatro passos da figura, quando esta, tendo chegado à extremidade do aposento de veludo, voltou-se repentinamente e confrontou seu perseguidor. Um grito agudo, e a adaga caiu, reluzente, sobre o carpete, no qual logo depois tombou, prostrado sem vida, o príncipe Próspero. Então, impelidos pela coragem insensata do desespero, vários convivas correram até a sala negra e, agarrando o mascarado, cuja grande figura permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, emudeceram de horror diante das vestes fúnebres e da máscara cadavérica, que manusearam com violenta

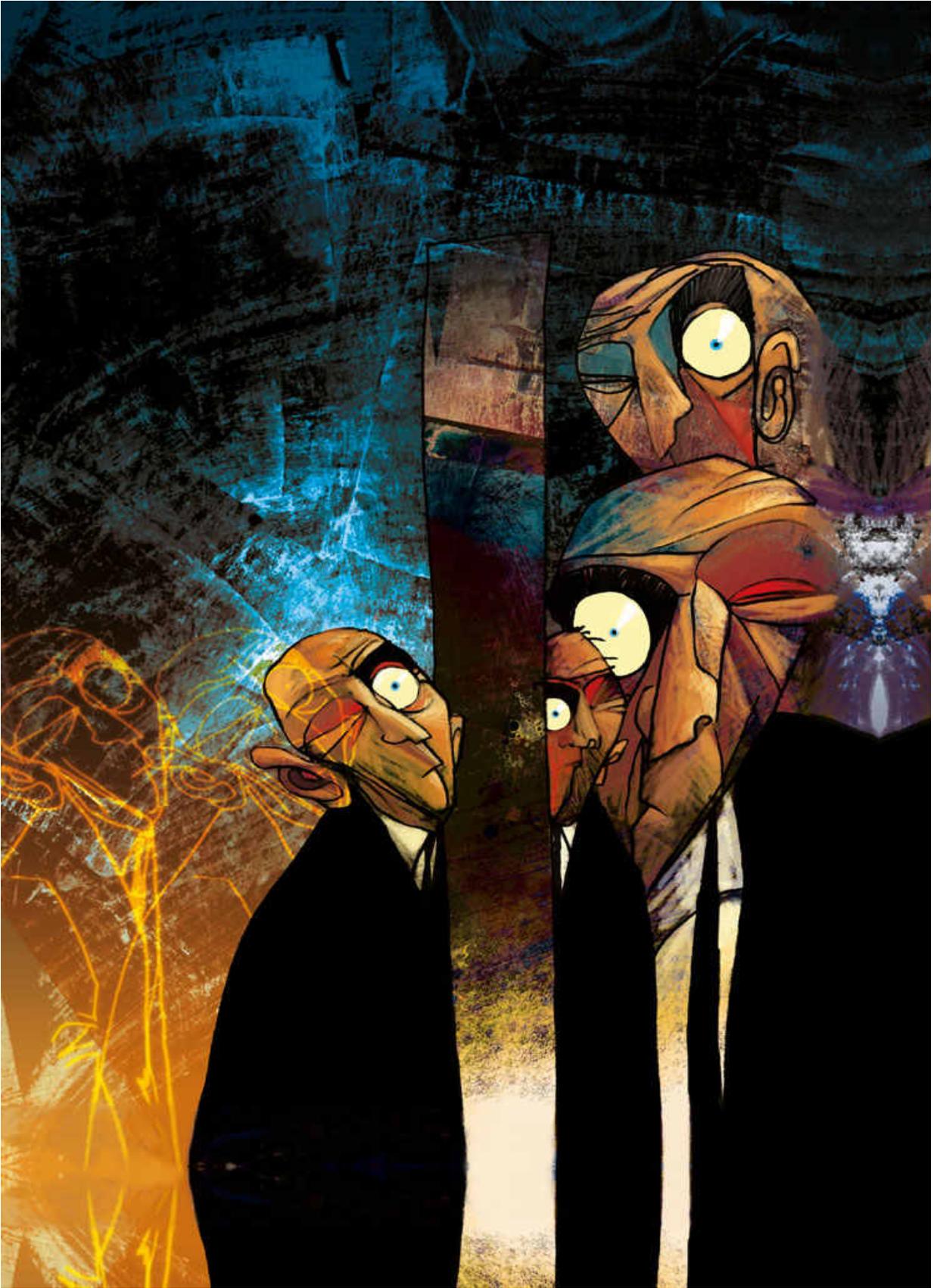
grosseria, ao constatar que não estavam ocupadas por nenhuma forma tangível.



E assim foi percebida a presença da Morte Vermelha. Ela havia chegado como um ladrão na noite. E, um por um, caíram os convivas no chão, umedecido de sangue, em que festejavam. E morreram todos na posição desesperada em que tombaram. E a vida do relógio de ébano se esgotou junto com a do último convidado. E as chamas dos braseiros expiraram. E a Escuridão e a Ruína e a Morte Vermelha estenderam seus domínios infinitos sobre todos.



O Coração Revelador





Verdade! Nervoso – muito, muito, espantosamente nervoso eu estava e estou; mas por que você acha que estou louco? A doença aguçou meus sentidos – não os destruiu nem os embotou. Mais do que qualquer outro, eu tinha o sentido da audição muito aguçado. Ouvia tudo nos céus e na terra. Ouvei muitas coisas no inferno. Como então estou louco? Ouça com atenção! E observe de que maneira saudável – com quanta calma – consigo lhe contar toda a história.

Impossível dizer em que momento a ideia invadiu minha mente; mas, tão logo foi concebida, obcecou-me noite e dia! Não havia objeto. Não havia paixão. Eu gostava do velho. Ele nunca me fez mal. Nunca me ofendeu. Eu não desejava seu ouro. Acho que foi seu olho! Sim, foi isso! Um de seus olhos parecia-se com o de um abutre – azul-claro, com uma película sobre ele. Sempre que esse olho me fixava, meu sangue gelava; então, aos poucos – bem gradualmente –, resolvi tirar a vida do velho e assim me livrar do olho para sempre.

É essa a questão. Você me julga louco. Os loucos nada sabem. Mas você precisava me ver. Precisava ver como procedi com sensatez – com que cuidado, com que previdência, com que dissimulação comecei a trabalhar! Eu nunca tinha sido tão gentil com o velho como durante toda a semana anterior ao dia em que o matei. E todas as noites, por volta da meia-noite, girava a maçaneta de sua porta e a abria – ah, tão delicadamente! E então, depois de abri-la o suficiente para passar minha cabeça, introduzia uma lanterna^[2], toda fechada, bem fechada, de modo que dela não saía nenhuma luz, e então enfiava a cabeça. Oh, você riria ao ver com quanta astúcia eu a enfiava! Movia-a devagar – bem, bem devagar para não perturbar o sono do velho. Demorava uma boa hora para passar toda a minha cabeça pela abertura, o suficiente para vê-lo deitado na cama. Ah!, seria um louco tão prudente assim? Então, quando minha cabeça estava dentro do quarto, abria a lanterna com cuidado – ah, com tanto cuidado –, muito cuidado (pois as juntas rangiam). Eu a abria, deixando que apenas um único fiozinho de luz atingisse o olho de abutre. E fiz isso durante sete longas noites – todas as noites exatamente à meia-noite –, mas sempre encontrava o olho fechado. E então foi impossível fazer o trabalho; afinal, não era o velho que me atormentava, mas seu olho maldito. E todas as manhãs, quando raiava o dia, entrava audaciosamente no quarto e falava corajosamente com ele, chamando-o pelo nome em um tom cordial e perguntando como passara a

noite. Assim você pode perceber que ele teria de ser um velho muito perspicaz para suspeitar que, todas as noites, exatamente à meia-noite, eu o observava enquanto ele dormia.

Na oitava noite, fui ainda mais cuidadoso ao abrir a porta. O ponteiro de minutos de um relógio se move mais depressa do que eu me movia. Jamais antes dessa noite sentira toda a extensão de meus poderes, de minha sagacidade. Mal conseguia conter meu sentimento de triunfo. Pensar que eu estava ali, abrindo a porta devagar, e que ele nem sonhava com meus pensamentos e ações secretas! Dei até uma risadinha diante dessa ideia; e talvez ele a tenha ouvido, pois mexeu-se de repente na cama, como que sobressaltado. Você pode achar que pensei em recuar, mas não. O quarto estava escuro como breu, mergulhado em trevas densas (as venezianas estavam bem fechadas, porque o velho tinha medo de ladrões). Eu sabia que ele não conseguiria ver a porta se abrindo, e continuei empurrando-a cada vez mais, cada vez mais.



Tinha passado minha cabeça e ia abrir a lanterna, quando meu dedo escorregou pelo fecho de estanho, e o velho pulou na cama gritando:

– Quem está aí?

Permaneci completamente imóvel e nada disse. Por uma hora inteira não movi um único músculo, e durante todo esse tempo não o ouvi tornar a deitar-se. Ele continuava sentado na cama escutando – exatamente como eu fizera, noite após noite, escutando os anóbios^[3] na parede.

Então ouvi um leve gemido; sabia que era um gemido de terror mortal. Não era um gemido de dor ou de pesar – oh, não! –, era o som baixo e abafado que saía do fundo de uma alma sobrecarregada de pavor. Eu conhecia bem o som. Muitas noites, exatamente à meia-noite, quando todo mundo dormia, ele escapava de meu próprio peito, intensificando com seu eco pavoroso os terrores que me perturbavam. Conhecia, repito, muito bem esse som. Sabia o que o velho sentia e tinha pena dele, embora meu coração risse. Sabia que estava acordado desde o primeiro ruído leve, quando se virou na cama. Seus temores só haviam aumentado desde então. Ele tentava convencer-se de que não havia motivo para isso, mas não conseguia. Dizia para si mesmo: “É apenas o vento na chaminé”, “É apenas um rato correndo no chão” ou “É apenas um grilo cricrilando”. É, ele tentava se confortar com essas suposições; mas eram todas inúteis. *Todas inúteis*, porque a Morte, aproximando-se, insinuava-se com sua sombra negra diante dele e envolvia sua vítima. E era a influência fúnebre da sombra despercebida que o levava a sentir – embora não visse nem ouvisse –, o levava a *sentir* a presença de minha cabeça no quarto.

Depois de ter esperado por muito tempo, com muita paciência, sem ouvi-lo voltar a se deitar, resolvi abrir um pouquinho – bem pouquinho – a lanterna. Abri-a – vocês nem podem imaginar quão furtivamente, bem furtivamente – até que, afinal, um único raio pálido, como um fio de aranha, saiu da fenda e alcançou o olho de abutre.



Estava aberto – bem aberto –, e fiquei furioso ao avistá-lo. Eu o via com total clareza – todo azul fosco recoberto por um véu pavoroso que congelava até a medula dos meus ossos; mas não via mais nada do rosto ou da pessoa do velho, pois dirigira o raio, como que por instinto, precisamente ao maldito lugar.



E eu já não lhe disse que o que você considera loucura é, na verdade, uma acuidade excepcional dos sentidos? Pois então chegou aos meus ouvidos um som surdo, rápido, como o de um relógio dentro do bolso. Também me era muito familiar *aquela* som. Era o coração do velho batendo, o que aumentou minha fúria, assim como as batidas em um tambor estimulam a coragem de um soldado.

Mas me contive, de novo, e permaneci sem me mexer. Mal respirava. Segurava a lanterna, imóvel. Tentava manter o raio o tempo todo sobre o olho. Nesse meio-tempo, o tamborilar diabólico do coração aumentou. Tornou-se cada vez mais rápido e, a cada instante, parecia mais alto. O terror do velho devia ser extremo! Soava cada vez mais alto a cada momento que passava! Você está entendendo? Disse que estou nervoso: estou. E então, no meio da noite, em meio ao silêncio pavoroso daquela casa velha, um barulho instalou em mim o mais incontrolável terror. Por alguns minutos ainda me contive e permaneci imóvel. Mas as batidas tornavam-se cada vez mais fortes, cada vez mais fortes! Achei que o coração ia explodir. E então fui tomado por uma nova angústia: algum vizinho poderia ouvir o barulho! A hora do velho chegara! Urrando, escancarei a lanterna e pulei para dentro do quarto. Ele soltou apenas um grito – só um. Em um instante, derrubei-o no chão e puxei a cama pesada para cima dele. Então sorri, alegre, considerando a minha tarefa praticamente terminada. Mas, por muitos minutos, o coração continuou batendo, abafado. Isso, contudo, não me perturbou; o som não atravessaria a parede. Afinal, cessou. O velho estava morto. Tirei a cama e examinei o corpo. Sim, ele estava morto, morto e acabado. Coloquei minha mão sobre seu coração e a mantive ali por um bom tempo. Não senti pulsação alguma. Estava bem morto. Seu olho não me perturbaria mais.



Se você ainda acha que sou louco, não vai mais pensar assim quando eu descrever as precauções sensatas que tomei para esconder o corpo. A noite se esvaía e trabalhei depressa, mas em silêncio. Antes de mais nada, esquartejei o cadáver. Cortei a cabeça, os braços e as pernas.

Arranquei três tábuas do assoalho do quarto e deposei tudo lá dentro. Então recoloquei as tábuas com tanta habilidade, com tanto engenho, que nenhum olho humano – nem mesmo o *dele* – detectaria algo errado. Não havia nada a lavar – nenhuma mancha de qualquer tipo –, nem mancha de sangue. Fui cauteloso demais. Uma banheira absorvera tudo – ha, ha!

Quando concluí todas essas tarefas, eram quatro horas – ainda estava tão escuro quanto à meia-noite. Quando o relógio deu a hora, ouvi bater à porta da rua. Desci para abrir com o coração aliviado, pois o que poderia temer *agora*? Eram três homens que se apresentaram educadamente como policiais. O vizinho ouvira um grito durante a noite e, suspeitando de algum problema, denunciou à polícia; eles (os policiais) haviam sido enviados para investigar o local.



Sorri, pois o que tinha a temer? Dei boas-vindas aos cavalheiros. Fora eu quem gritara durante um sonho. O velho, mencionei, viajara para o interior. Mostrei toda a casa aos meus visitantes. Convidei-os a procurar, a procurar *bem*. Acabei conduzindo-os ao quarto *dele*. Mostrei-lhes seus tesouros, em segurança, em ordem. No entusiasmo de minha confiança, levei algumas cadeiras para o quarto, pois desejava que descansassem *ali*, enquanto eu, na audácia impetuosa de meu triunfo perfeito, coloquei minha cadeira justamente sobre o local onde repousava o corpo da vítima.



Os policiais mostraram-se satisfeitos. Minha conduta os convencera. Eu estava excepcionalmente à vontade. Sentaram-se e começaram a conversar animadamente; eu participava, contente. Logo, porém, senti que empalidecia e desejei que fossem embora. Sentia dor de cabeça, um tilintar em meus ouvidos; mas eles continuavam sentados, conversando. O tilintar tornou-se mais nítido; persistia e tornava-se mais nítido ainda. Tratei de falar mais para livrar-me daquela sensação; mas ela continuava e definia-se, até que, afinal, descobri que o barulho *não* estava em meus ouvidos.

Não há dúvida de que então fiquei muito pálido; mas passei a falar com mais fluência e num tom mais alto. Assim mesmo, o som aumentava – e o que eu poderia fazer? Era *um som surdo, baixo, rápido – bem parecido com o som de um relógio dentro do bolso*. Eu respirava com dificuldade. Os policiais continuavam não ouvindo. Comecei a falar mais rápido, com mais veemência; mas o som continuava a aumentar. Levantei-me e passei a discutir ninharias, em tom bem alto e gesticulando muito, mas o ruído continuava aumentando. Por que eles *não* iam embora? Andava pesadamente para cá e para lá, como se estivesse furioso com as observações dos homens – mas o ruído continuava aumentando. Oh, Deus!, o que *podia* fazer? Eu espumava, vociferava, insultava! Agitava a cadeira na qual me sentara e arranhava as tábuas, mas o ruído se sobrepunha e continuava aumentando. Aumentou mais – mais – *mais!*

E ainda assim os homens continuavam conversando, rindo e sorrindo. Seria possível que não o estavam ouvindo? Deus poderoso! – Não, não! Eles ouviam! – Suspeitavam! – *Sabiam!* – estavam zombando do meu horror! – Era isso que eu achava e ainda acho. Qualquer coisa era melhor do que aquela agonia! Qualquer coisa era mais

tolerável do que aquela zombaria! Não aguentava mais aqueles sorrisos hipócritas! Senti que, se não gritasse, morreria! – e agora – de novo! – ouçam! – mais alto! mais alto! mais alto! *mais alto!*





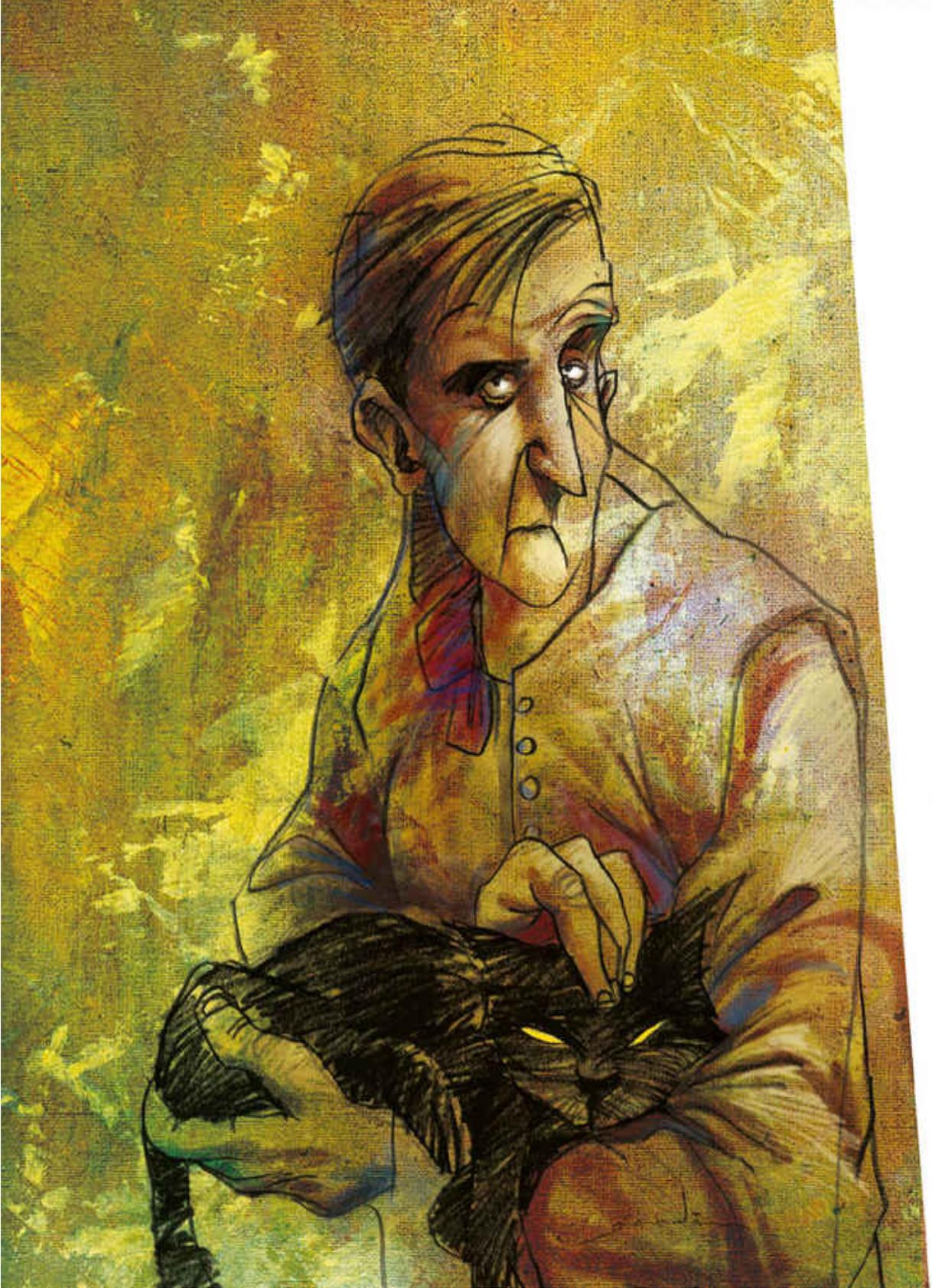
– Miseráveis! – berrei. – Parem de fingir! Confesso! Arranquem as tábuas! Aqui, aqui! São as batidas de seu coração hediondo!





O Gato Preto





Quanto à narrativa fantástica, e ainda assim comum, que estou para escrever não espero nem peço que creiam em mim. Eu seria mesmo louco se o esperasse, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam suas evidências. Contudo, louco não sou – e com certeza não sonhei. Mas, para o caso de morrer amanhã, alivio a alma hoje. Meu propósito imediato é colocar diante do mundo, clara e sucintamente, sem interferência, uma série de eventos domésticos simples. Em suas consequências, esses eventos aterrorizaram-me, torturaram-me e destruíram-me. Ainda assim, não tentarei explicá-los. Para mim, eles trouxeram pouco além de horror; para muitos, esses eventos parecerão mais fantásticos que terríveis. No futuro, talvez, possa se encontrar um intelecto que reduzirá minha fantasia ao lugar-comum – algum intelecto mais calmo, mais lógico e menos impressionável que o meu, que não perceberá, nas circunstâncias que detalharei com assombro, nada mais que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde minha infância, a docilidade e a bondade do meu temperamento chamavam a atenção. A ternura do meu coração era tão evidente que me tornava a piada dos meus colegas. Eu era especialmente afeiçoado aos animais, e meus pais me permitiram ter uma grande variedade de bichos de estimação. Com eles eu passava a maior parte do tempo, e o ponto alto da minha felicidade ocorria quando lhes dava comida e carinho. Essa característica da minha personalidade cresceu junto comigo e, adulto, tirei daí uma das minhas principais fontes de alegria. Para aqueles que já nutriram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso explicar a gratificação que se retira disso. Existe algo no amor altruísta e abnegado de um animal; algo que atinge diretamente o coração daqueles que já tiveram oportunidade de testar a amizade insignificante e a tênue fidelidade de um simples *homem*.

Casei-me cedo, e fui feliz de encontrar na minha esposa um temperamento compatível com o meu. Ao observar meu gosto por animais de estimação, ela não deixou passar nenhuma oportunidade de tentarmos encontrar o tipo mais adequado. Tivemos pássaros, peixes, um belo cachorro, coelhos, um macaquinho e um *gato*.

Esse último era um animal notavelmente grande e belo, inteiramente preto, cuja sagacidade alcançava níveis espantosos. E, por falar de sua inteligência, minha mulher, que verdadeiramente nada tinha de supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que considerava todos os gatos pretos como bruxas disfarçadas. Não que em algum momento ela

falasse isso a sério – menciono isso pelo simples fato de ter me lembrado do ocorrido, por nenhuma outra razão.

Plutão – o gato – era meu bicho de estimação preferido e companheiro favorito. Somente eu o alimentava, e ele me acompanhava por toda a casa. Era com dificuldade que eu o impedia de me acompanhar pelas ruas.

Nossa amizade durou, dessa maneira, muitos anos, durante os quais meu temperamento e meu caráter – pela influência da bebida – passaram (fico constrangido ao confessar) por uma alteração radical para pior. Dia após dia eu me tornei mais taciturno e impaciente, mais desatento aos sentimentos dos outros. Permiti-me usar linguagem desrespeitosa com minha esposa. Com o tempo, até mesmo lhe dispensei violência pessoal. É claro que meus animais de estimação também sentiram a mudança no meu temperamento. Eu não apenas os negligenciei, mas também os maltratei. Por Plutão, contudo, eu ainda mantinha uma consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao contrário do que acontecia com os coelhos, o macaco, ou até mesmo o cachorro, que, por acidente ou afeto, ficava no meu caminho. Mas minha doença tomava conta de mim – pois não existe doença como o alcoolismo! –, e com o tempo até Plutão, que começava a envelhecer e, como consequência, a ficar rabugento, começou a experimentar os efeitos do meu gênio doentio.

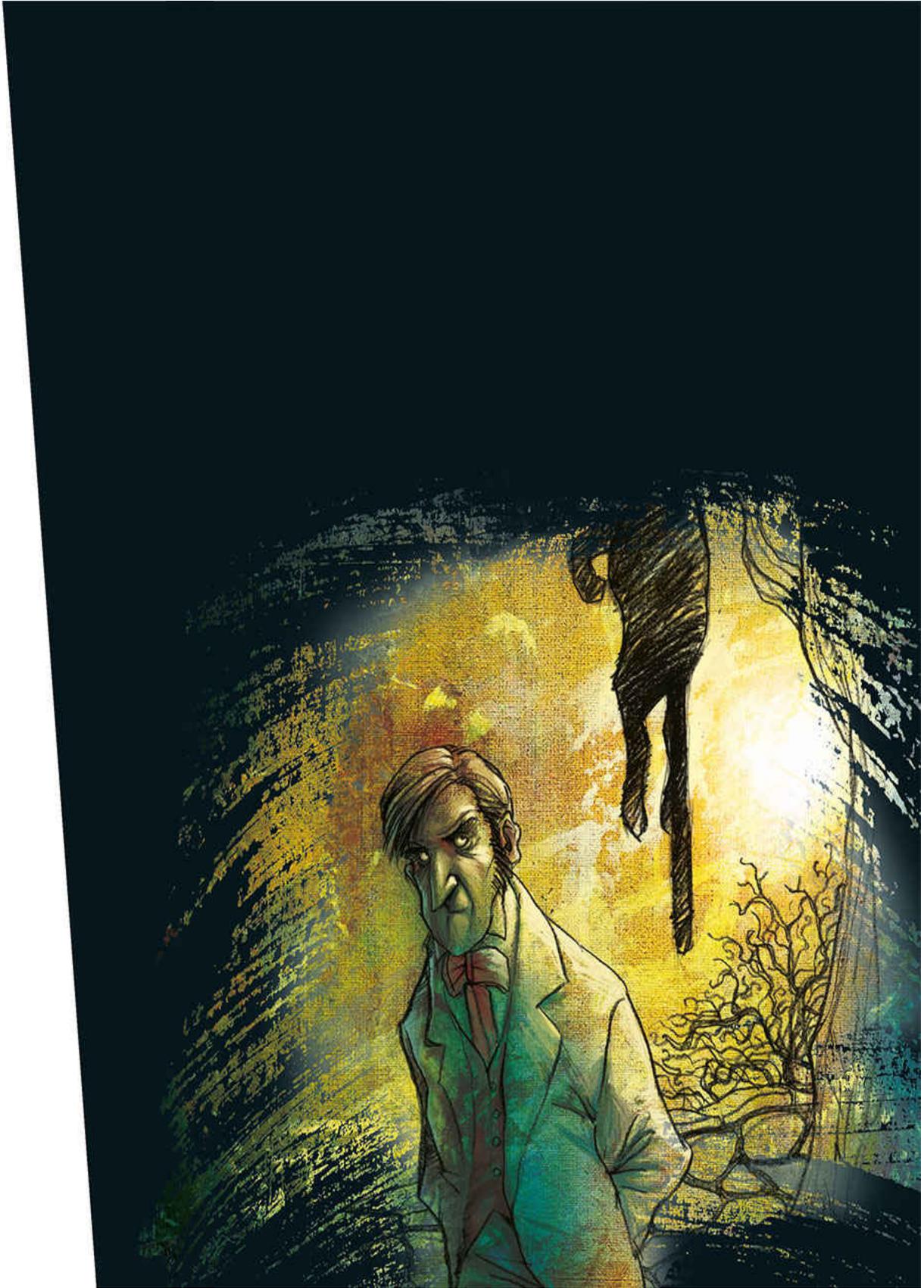


Uma noite, ao voltar para casa, muito embriagado, vindo de um dos meus antros na cidade, percebi que o gato evitava minha presença. Eu o peguei. Então, temendo minha violência, mordeu minha mão, causando um pequeno ferimento. A fúria de um demônio instantaneamente se apossou de mim. Eu já não me conhecia. Minha alma original parecia ter abandonado completamente meu corpo. Essa malevolência demoníaca, acentuada pelo álcool, vibrava cada fibra da minha constituição. Peguei meu canivete no bolso do colete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei um de seus olhos da órbita! Eu enrubesço e estremeço de vergonha enquanto descrevo atrocidade tão execrável.

Quando a razão me retornou com a manhã – após o sono ter me limpado dos excessos da noite –, experimentei um sentimento misto de horror e remorso pelo crime do qual era culpado. Mas era um sentimento frágil e ambíguo, pois a alma continuava intocada. Logo mergulhei na intemperança e afoguei em vinho todas as lembranças do feito.

Enquanto isso, o gato lentamente se recuperou. A órbita do olho perdido tinha, é verdade, uma aparência amedrontadora, mas o felino não parecia mais sentir dores. Ele andava pela casa como de costume, mas, era de esperar, fugia, aterrorizado, com a minha aproximação. Eu ainda possuía um tanto do meu velho coração, de modo que lamentava a evidente repulsa que causava numa criatura que já me amara tanto. Mas esse meu sentimento logo cedeu lugar à irritação. Então veio, como que para minha derrocada irrevogável, o espírito da perversidade. A filosofia não leva em conta esse estado de espírito. No entanto, mais do que minha alma vive, tenho certeza de que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das inseparáveis faculdades primárias, ou sentimentos, que direcionam o caráter do ser humano. Quem não se viu, centenas de vezes, cometendo um ato vil ou estúpido simplesmente porque sabia que *não* deveria? Esse espírito de perversidade veio para minha ruína final. Foi esse insondável desejo da alma de *vexar a si mesma*, de violentar a própria natureza, de fazer o mal apenas pelo mal, que me levou a continuar e, finalmente, consumir a ofensa que eu tinha infligido àquele animal inocente. Numa manhã, a sangue frio, passei um laço pelo pescoço do gato e o pendurei no galho de uma árvore. Pendurei-o com lágrimas escorrendo dos meus olhos, com o mais amargo sentimento de remorso no coração; pendurei-o *porque* eu sabia que ele me amava; pendurei-o *porque* sabia que estava cometendo um pecado – um pecado mortal que assim ameaçaria minha alma imortal,

colocando-a, se isso fosse possível, além mesmo do alcance da infinita misericórdia do Mais Misericordioso e Mais Terrível Deus.



Na noite do dia em que esse ato extremamente cruel foi executado, acordei com gritos de “Fogo!”. As cortinas do meu quarto ardiam em chamas. Toda a casa queimava. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma empregada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Toda a minha riqueza mundana tinha sido consumida. Daí em diante, resignei-me ao desespero.

Estou acima da fraqueza de procurar estabelecer uma sequência de causa e efeito entre o incêndio e a atrocidade. Mas quero detalhar uma série de eventos – e não quero deixar faltando nenhum elo. No dia seguinte, fui visitar as ruínas. As paredes, com uma única exceção, tinham caído. Essa exceção consistia numa parede divisória, não muito espessa, localizada no meio da casa, junto da qual se apoiava a cabeceira da minha cama. O gesso de revestimento dessa parede tinha resistido bem à ação do fogo – algo que atribuí ao fato de ter sido aplicado recentemente. Nesse local, uma multidão compacta estava reunida, e muitas pessoas pareciam examinar uma área determinada da parede com viva e minuciosa atenção. As palavras “estranho!”, “extraordinário!” e outras semelhantes aguçaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como que gravada em baixo-relevo na superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco. O desenho tinha sido feito com uma precisão realmente fantástica. Havia uma corda em volta do pescoço do animal.



Assim que vi essa aparição – pois não poderia chamá-la de outra coisa –, o espanto e o terror despertados em mim foram extremos. Mas, depois de certo tempo, uma reflexão veio em meu auxílio. O gato, eu me lembrava bem, fora enforcado no jardim adjacente à casa. Iniciado o incêndio, esse jardim foi imediatamente invadido pela multidão – e alguém deve ter soltado

o gato da árvore, jogando-o, em seguida, através de uma janela aberta, no meu quarto. Isso, provavelmente, foi feito com a intenção de me acordar. As outras paredes, ao cair, comprimiram a vítima da minha crueldade no gesso recém-aplicado, cuja cal mais as chamas e a amônia do cadáver foram responsáveis pelo desenho da forma como o vi.

Embora eu tenha conseguido explicar à minha razão – ainda que não totalmente à minha consciência – o fato espantador que acabo de detalhar, este não deixou de causar uma impressão profunda na minha imaginação. Durante meses não consegui me livrar do fantasma do gato. E, durante esse período, meu espírito foi tomado por um sentimento que parecia, mas não era, remorso. Cheguei até mesmo a lamentar a perda do animal e a procurar para mim, nos antros obscuros que estava acostumado a frequentar, outro bichano da mesma raça, de aparência semelhante, com o que pudesse substituí-lo.

Sentado, uma noite, meio embriagado, numa espelunca infame, minha atenção foi repentinamente atraída para um objeto preto que repousava sobre uma das imensas barricas de gim, ou rum, que constituíam a principal mobília do local. Eu estivera olhando fixamente para o topo dessa barrica por alguns minutos, e o que me causava surpresa era não ter percebido antes aquele objeto. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto – um espécime enorme, tão grande quanto Plutão – e absolutamente parecido com ele em todos os aspectos, menos um. Plutão não possuía nenhum pelo branco no corpo, enquanto aquele gato tinha uma mancha branca, indefinida, cobrindo quase toda a região do peito.

Quando o toquei, ele imediatamente se levantou, ronronou alto e esfregou-se contra minha mão, parecendo encantado com minha presença. Essa, então, era a criatura que eu procurava. Imediatamente, dispus-me a comprá-lo do proprietário da taverna; este, porém, não reivindicou nenhum direito sobre o animal – nada sabia sobre ele, nunca o tinha visto antes.

Continuei com os carinhos e, quando resolvi voltar para casa, o gato mostrou disposição de me acompanhar. Eu lhe permiti que o fizesse, ocasionalmente abaixando-me e fazendo-lhe carícias durante o caminho. Em casa, ele se domesticou de pronto, ganhando instantaneamente o amor de minha mulher.

Quanto a mim, logo senti certa antipatia por ele crescendo no meu interior. Era exatamente o oposto do que eu tinha antecipado, mas – não sei como nem por quê – seu evidente apego por mim me desagradava e

aborrencia. Aos poucos, esses sentimentos foram crescendo e alcançaram a amargura do ódio. Eu evitava a criatura; certa sensação de vergonha e a lembrança de minha crueldade anterior não me deixavam maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas eu não bati nele nem o tratei com qualquer violência, mas aos poucos – bem lentamente – comecei a encará-lo com ódio indizível. Silenciosamente, afastava-me de sua presença odiosa, como se estivesse fugindo do hálito da peste.

Parte do que provocava minha repugnância pelo animal foi, sem dúvida, a descoberta, na manhã seguinte em que o trouxe para casa, de que ele também tinha sido privado de um dos olhos. Essa circunstância, contudo, apenas enternecia ainda mais minha esposa, que, como já mencionei, possuía, em alto grau, aquela humanidade de sentimento que, um dia, já fora meu traço característico e a fonte de muitos dos meus prazeres mais puros e simples.



Minha aversão ao gato, contudo, parecia fazer sua predileção por mim aumentar. Ele seguia meus passos com uma pertinácia que seria difícil fazer o leitor compreender. Sempre que me sentava, ele se deitava embaixo da cadeira, ou pulava nos meus joelhos, cobrindo-me com seus carinhos odiosos. Se me levantava para andar, ele se metia entre os meus pés, quase me derrubando. Às vezes, prendia suas garras longas e afiadas na minha roupa, escalando, desse modo, até o meu peito. Nessas ocasiões, embora desejasse destruí-lo com um golpe, conseguia me conter e nada fazer, parcialmente pela memória do meu crime anterior, mas, principalmente – deixo-me confessar logo –, por absoluto pavor do animal.

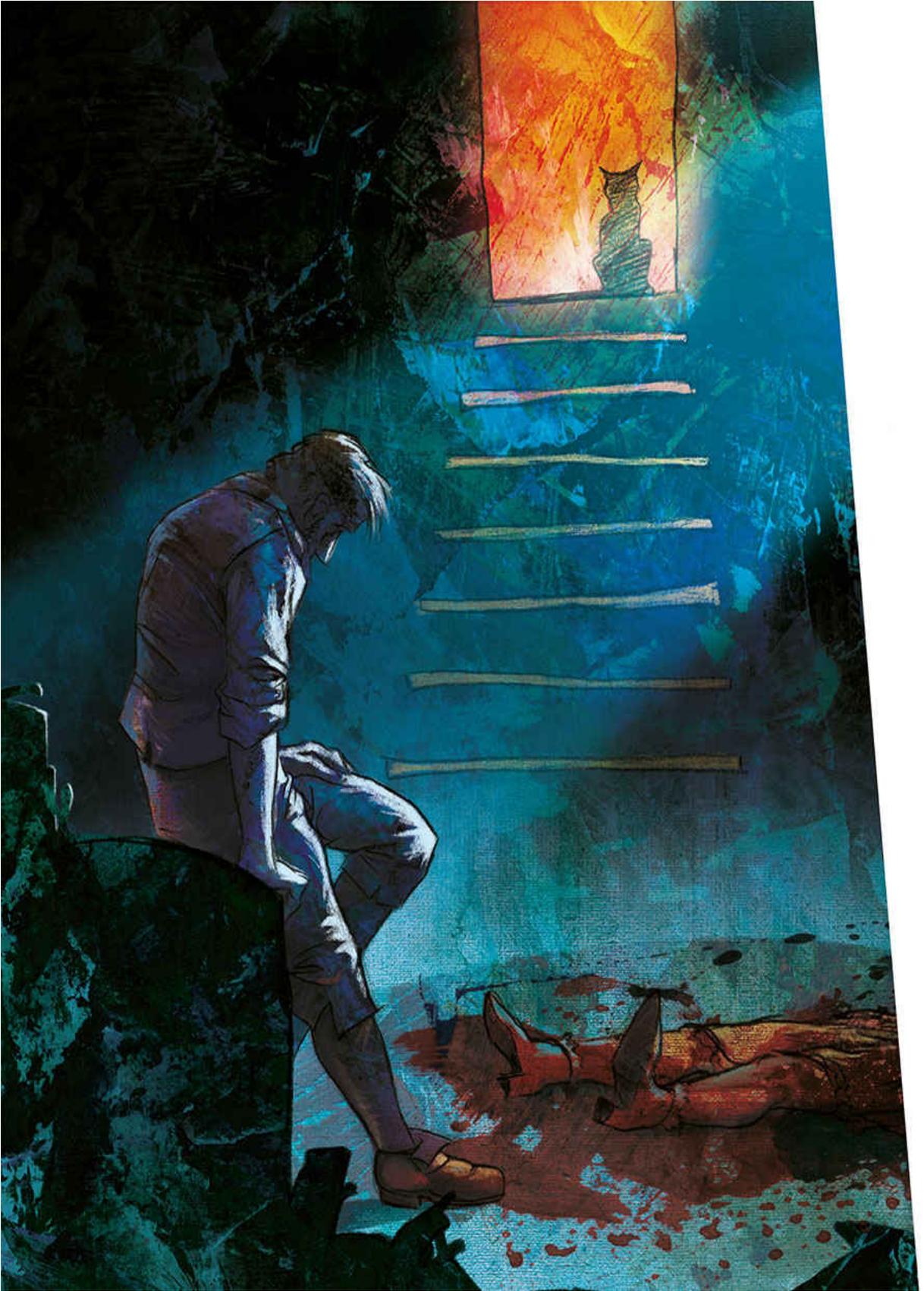
Esse medo não era exatamente de um mal físico – mas eu não saberia como defini-lo melhor. Tenho quase vergonha de admitir – sim, mesmo nesta cela de prisão, tenho quase vergonha de admitir – que o horror que esse animal me inspirava era provocado por uma das quimeras mais banais que se poderia conceber. Minha esposa chamara-me a atenção, mais de uma vez, para a natureza da marca de pelo branco, da qual já falei, que constituía a única diferença visível entre aquele animal estranho e o que eu destruíra. O leitor deve se lembrar de que essa marca, embora grande, originalmente era bastante indefinida. Mas, aos poucos – de forma quase imperceptível, algo que por muito tempo minha razão lutava para rejeitar –, ela foi assumindo um contorno rigorosamente distinto; até que, afinal, tinha se tornado a representação de um objeto que tremo só de dizer o nome – e por isso, acima de tudo, eu temia e odiava aquele monstro, e teria me livrado dele *se tivesse coragem*. A mancha era, agora, a imagem de uma medonha e assustadora FORÇA! Ah, o mecanismo terrível e pesaroso do Horror e do Crime – da Agonia e da Morte!



Eu estava desgraçado além da desgraça humana. E um *animal irracional* – cujo semelhante eu desprezivelmente assassinara –, um *animal irracional* me assombrava. Eu, um homem criado à imagem do Deus Absoluto. Que angústia insuportável! Meu Deus! Eu não conhecia mais, fosse dia ou noite, a bênção do repouso. Durante o dia a criatura não me deixava só, e à noite eu acordava, a cada hora, de sonhos de pavor indizível para encontrar o hálito quente daquela *coisa* sobre o meu rosto, e seu peso imenso – um pesadelo encarnado que eu não tinha forças para repelir – jazendo eternamente sobre o meu *coração!*

Sob a pressão de tais tormentos, os frágeis resquícios do bem que havia dentro de mim sucumbiram. Pensamentos malévolos tornaram-se uma obsessão – os mais sombrios e malvados pensamentos. Meu mau humor habitual aumentou a um nível de ódio por *todas* as coisas e pessoas. Dos constantes, repentinos e incontroláveis ataques de fúria a que eu me abandonava cegamente, minha conformada esposa era a vítima mais frequente e paciente.

Um dia ela me acompanhou, durante a execução de alguma tarefa doméstica, até o porão da casa velha em que nossa pobreza nos obrigava a morar. O gato seguiu-me pela escadaria íngreme, quase me derrubando de cabeça. Aquilo me exasperou de tal modo que enlouqueci. Ergui um machado e me esqueci, em minha fúria, do pavor infantil que, até então, havia me segurado. Mirei o golpe no animal, e teria sido instantaneamente fatal se tivesse saído como eu desejava. Mas esse golpe foi detido pela mão da minha esposa. Movido por uma ira mais que demoníaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado em seu cérebro. Ela caiu morta ali mesmo, sem soltar um gemido sequer.



Após cometer esse assassinato medonho, eu me lancei, com total deliberação, à tarefa de esconder o corpo. Eu sabia que não poderia removê-lo da casa, de dia ou à noite, sem o risco de ser observado pelos vizinhos. Muitos projetos me passaram pela cabeça. Primeiro pensei em cortar o corpo em fragmentos diminutos e destruí-los com fogo. Depois resolvi cavar um túmulo para ela no chão do porão. Então ponderei quanto a jogá-la no poço do quintal; empacotá-la numa caixa, como mercadoria, com todos os procedimentos formais, e arrumar uma transportadora para tirá-la de casa. Finalmente, cheguei àquela que considerei a melhor solução de todas: decidi emparedá-la no porão, assim como os monges da Idade Média faziam com suas vítimas, como se tem notícia.

Para tal propósito o porão era bem adequado. Suas paredes não eram lá muito firmes e ainda, recentemente, haviam sido rebocadas com massa grossa que a umidade do ar não permitira endurecer totalmente. Além do mais, uma das paredes possuía uma projeção, causada por uma antiga chaminé ou lareira, que fora preenchida para ficar parecida com o restante do porão. Eu não tinha dúvida de que poderia tirar os tijolos daquele local, colocar o corpo ali e fechar a parede como antes, de modo que ninguém perceberia qualquer coisa suspeita.

Esses cálculos não me decepcionaram. Eu facilmente retirei os tijolos com um pé de cabra e, após depositar cuidadosamente o corpo contra a parede interna, tive pouco trabalho para reconstruir toda a estrutura. Após providenciar cimento e areia, preparei, com todo o cuidado possível, um reboco que não poderia ser diferenciado do antigo, e com ele recobri os tijolos recém-assentados. Ao terminar, senti-me satisfeito pelo trabalho benfeito. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido trabalhada. Recolhi o entulho do chão com o maior cuidado. Olhei em volta, exultante, e disse para mim mesmo: “Aqui, pelo menos, meu trabalho não foi em vão”.

Meu próximo passo foi procurar o animal que causara tanta desgraça, pois, finalmente, eu havia resolvido exterminá-lo. Se eu tivesse conseguido encontrá-lo naquele momento, não haveria dúvida quanto ao seu destino. Mas parecia que aquele gato astucioso ficara alarmado pela violência da minha ira e não se permitiu aparecer diante de mim naquele momento. É impossível descrever ou imaginar o profundo e bem-aventurado sentimento de alívio que a ausência daquela criatura detestável causou em mim. Ele também não apareceu durante a noite, o que me proporcionou, pela primeira

vez desde a sua chegada ao nosso lar, um sono profundo e tranquilo. Sim, eu dormi mesmo com o peso de um assassinato em minha alma.

O segundo e o terceiro dia se passaram, e meu algoz não apareceu. Mais uma vez, eu respirava como um homem livre. O monstro, aterrorizado, tinha fugido para sempre! Eu nunca mais o veria! Minha alegria era suprema! A culpa pelo feito nefasto me afligia, mas não muito. Algumas perguntas tinham sido feitas, e até uma busca fora realizada, mas é claro que nada tinha sido descoberto. Minha felicidade futura parecia assegurada.

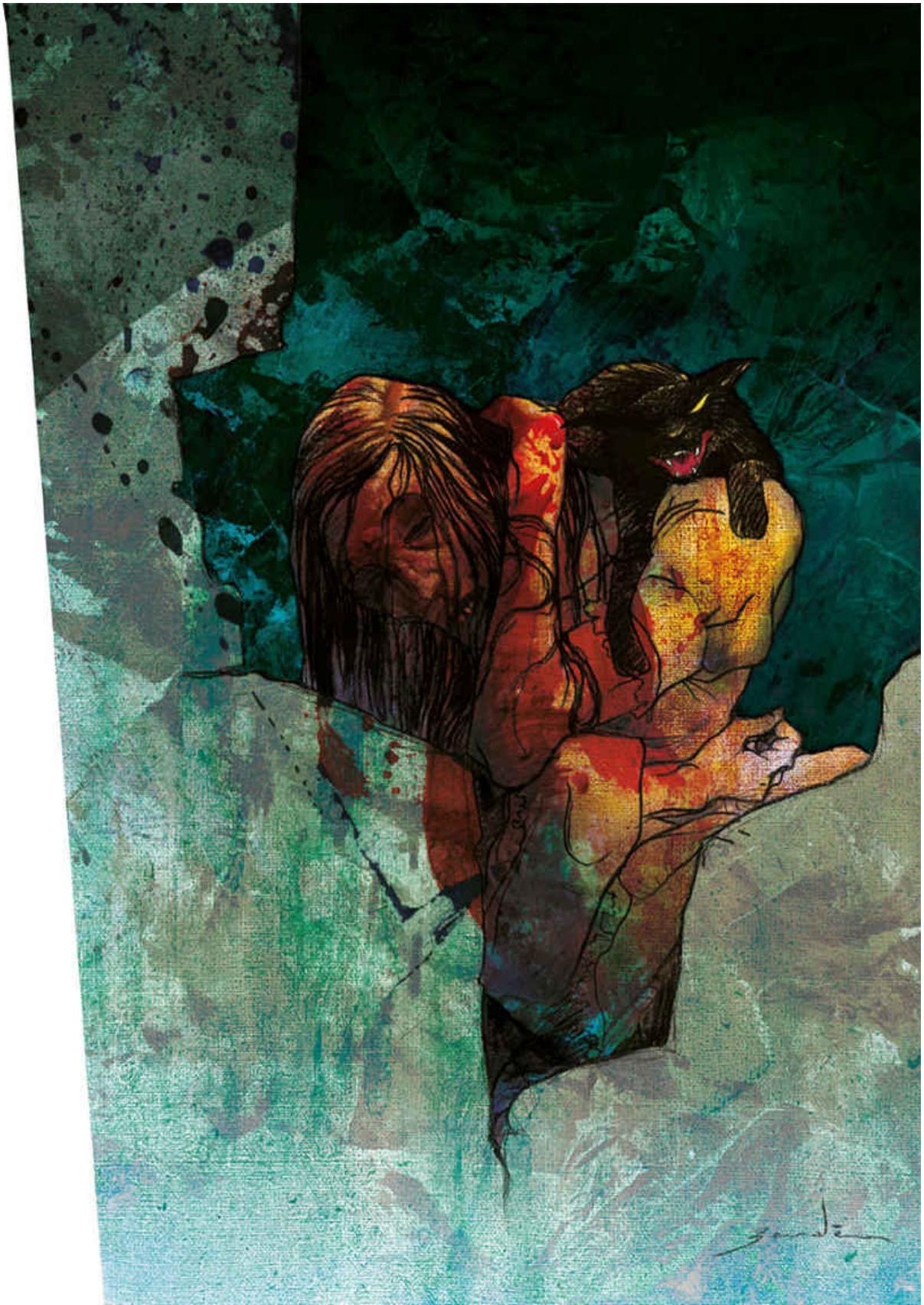
No quarto dia após o assassinato, um grupo de policiais apareceu, inesperadamente, para proceder a uma nova averiguação na casa. Confiante, porém, na impenetrabilidade do meu local de esconderijo, não senti nenhum embaraço. Os policiais me solicitaram que eu os acompanhasse na busca. Eles não deixaram de examinar ou revirar nenhum canto. Afinal, pela terceira ou quarta vez desceram até o porão. Nenhum músculo do meu corpo tremeu, por receio. Meu coração batia calmamente, como o dos justos. Andei de um lado para outro do porão, os braços cruzados sobre o peito. Os policiais ficaram completamente satisfeitos e se preparavam para sair. A alegria no meu coração era muito forte para ser reprimida. Eu sentia uma urgência de dizer algo para comemorar meu triunfo e reforçar a confiança que eles tinham na minha inocência.



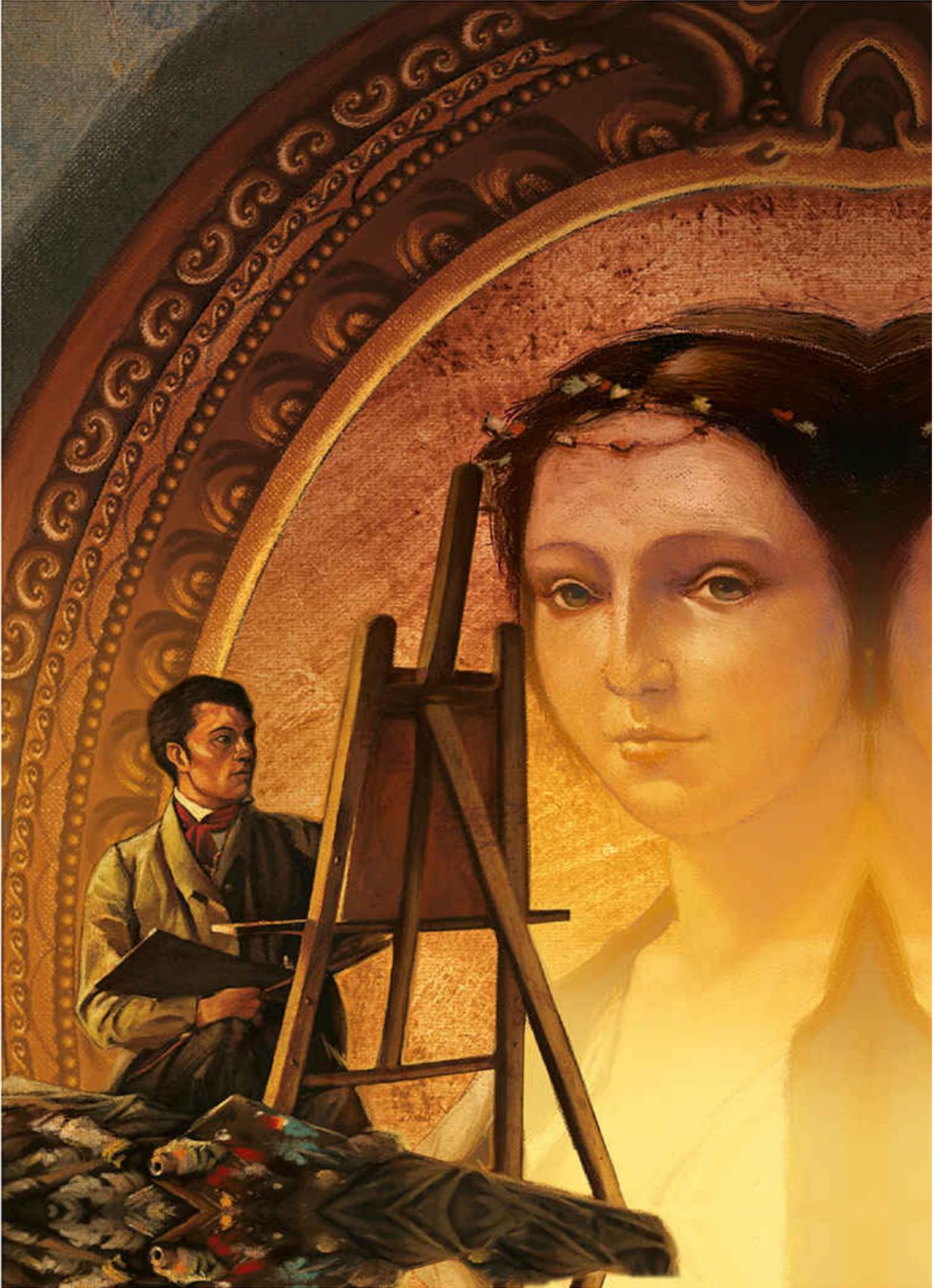
– Senhores – eu disse, afinal, conforme o grupo subia a escadaria –, fico feliz por ter afastado as suas suspeitas. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. Adeus, meus senhores, esta... esta é uma casa muito bem construída – no frenesi de dizer qualquer coisa, eu mal sabia o que balbuciava –, devo dizer, até, *excelentemente* construída. Estas paredes... já vão, senhores? Estas paredes são muito sólidas... – e então, no delírio da minha bravata, bati, com a bengala que tinha na mão, na exata parede atrás da qual estava o cadáver da minha esposa querida.

Que Deus me proteja e resgate das presas do Arquidemônio! Assim que a reverberação do meu golpe na parede cessou, veio uma resposta de dentro da tumba! Um grito, em princípio abafado e quebrado, como uma criança soluçando, que cresceu rapidamente até se tornar um berro comprido, alto e contínuo, absolutamente incomum e desumano – um uivo, um guincho lamentoso, misto de horror e satisfação, de um tipo que só poderia ter vindo do inferno, das gargantas conjuntas dos danados em sua agonia e dos demônios que exultam na danação dos outros.

Dos meus pensamentos é tolice falar. Quase perdendo os sentidos, cambaleei até a parede oposta. Por um instante os policiais na escada ficaram sem ação, por causa do terror e espanto extremos. No momento seguinte, doze braços fortes atacavam a parede, que caiu completamente. O cadáver, já bastante decomposto e coberto de sangue coagulado, permaneceu ereto diante dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha aberta e o único olho incandescente, estava o animal medonho cujas artimanhas tinham me levado ao assassinato, e cuja voz me entregara ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba.

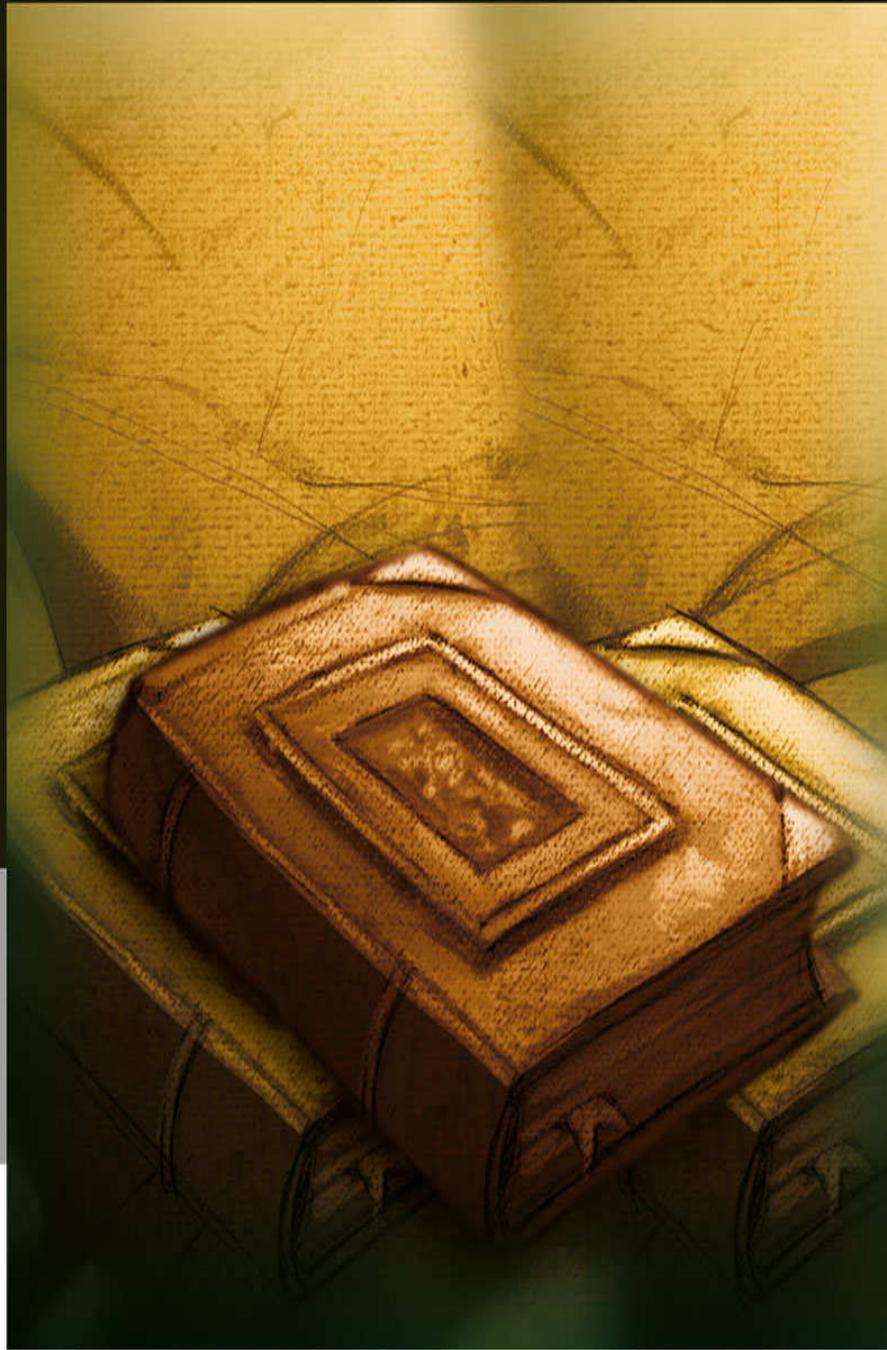


O Retrato Oval





O castelo em que meu criado arriscara forçar nossa entrada para não permitir que eu, deploravelmente ferido, passasse a noite ao relento era uma daquelas edificações que mesclam melancolia e grandeza e que por tanto tempo exibiram seus semblantes sombrios em meio aos Apeninos, tanto na realidade quanto na imaginação da Sra. Radcliffe. Ao que tudo indicava, fora abandonado temporariamente havia muito pouco tempo. Ficamos em um dos aposentos menores e mobiliados com menos suntuosidade. Ficava numa pequena torre remota do edifício. Sua decoração era rica, mas desgastada e antiga. Das paredes, decoradas com muitos troféus heráldicos de todos os formatos e com um número fora do comum de pinturas modernas, muito inspiradas, com molduras de arabescos dourados, também pendiam tapeçarias. Fiquei profundamente interessado, talvez devido a meu incipiente delírio, nos quadros dispostos nas paredes, não apenas nas superfícies principais, mas em muitos recantos que a arquitetura estranha do castelo tornara necessários; tanto que pedi a Pedro que fechasse as venezianas pesadas do quarto – pois já era noite –, acendesse os braços de um candelabro alto que ficava à cabeceira de meu leito e abrisse por completo as cortinas franjadas de veludo preto que circundavam a cama. Esperava que com isso me resignaria, se não a dormir, pelo menos a contemplar esses quadros e a ler um pequeno volume que encontrara sobre meu travesseiro que pretendia analisá-los e descrevê-los.



Li por muito tempo; e contemplei aquelas obras com muita dedicação. Rápida e gloriosamente, as horas voaram, e a negra meia-noite chegou. A posição do candelabro me desagradava e, estendendo a mão com dificuldade para não perturbar meu criado adormecido, posicionei-o de forma a que lançasse seus raios mais diretamente sobre o livro.

Esse gesto, porém, provocou um efeito totalmente inesperado. Os raios das numerosas velas (pois eram muitas) recaíram sobre um nicho do quarto que até então uma das colunas da cama mantivera numa escuridão profunda. Vi, à luz vívida, um quadro que não conseguira perceber até então. Era o retrato de uma garota que começava a desabrochar mulher. Dei uma olhada rápida na pintura e fechei os olhos. Porque fiz isso não ficou claro, a princípio, nem mesmo para mim. Mas, enquanto minhas pálpebras permaneciam fechadas, procurei em minha mente um motivo para tê-las cerrado. Fora um movimento impulsivo visando ganhar tempo para pensar – para ter certeza de que meus olhos não me haviam enganado –, para acalmar e sujeitar minha mente a uma contemplação mais sóbria e segura. Ao fim de breves momentos, tornei a olhar fixamente para a pintura.

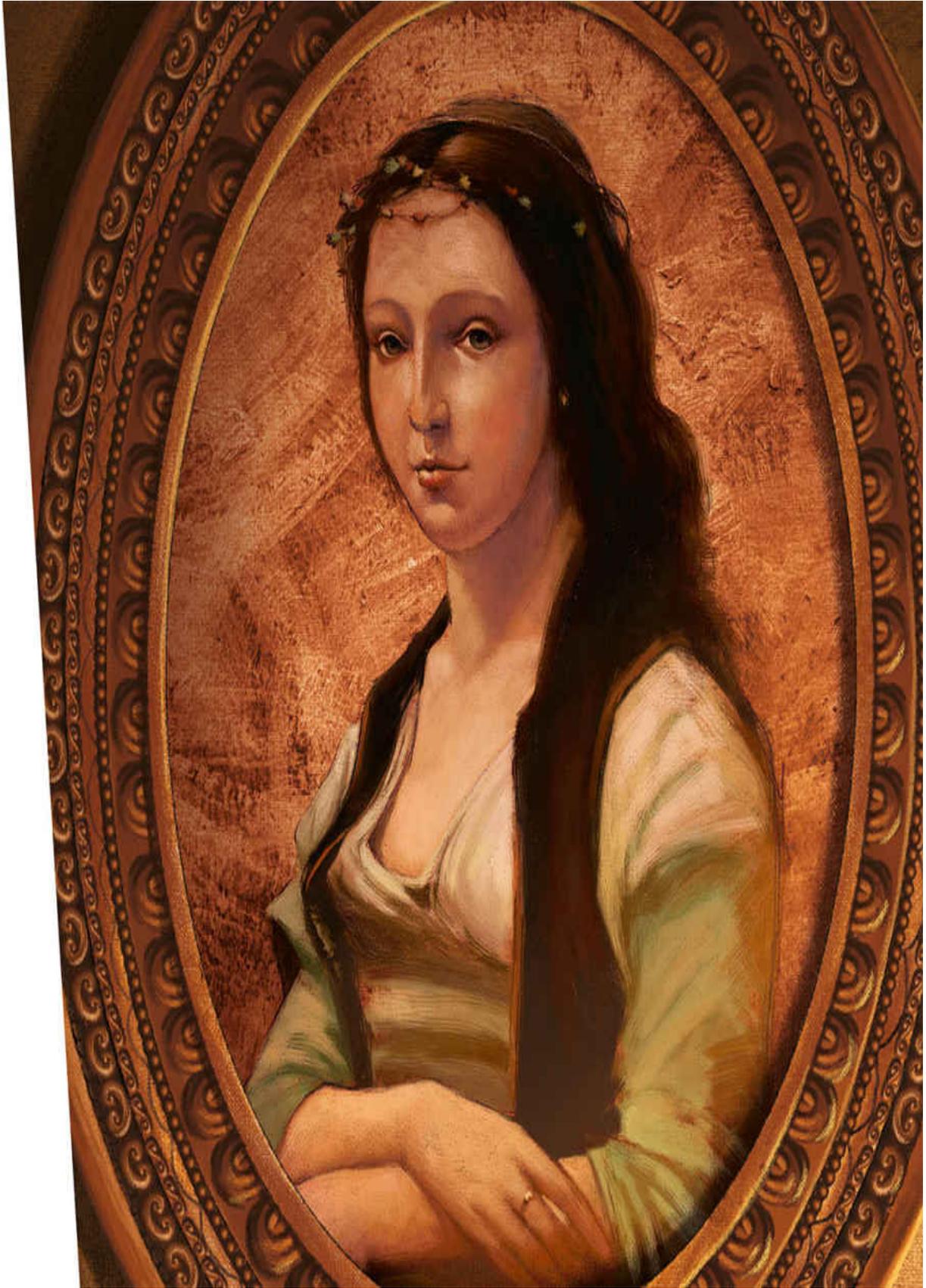
Não poderia duvidar, mesmo se quisesse, de que agora estava enxergando perfeitamente, pois o primeiro clarão das velas sobre a tela pareceu dissipar o estupor de sonho que se apoderava de meus sentidos e me despertar imediatamente para a vida real.



Como já disse, era o retrato de uma garota. Só apareciam a cabeça e os ombros, pintados no que se chamava tecnicamente de estilo *vignette*, ao estilo dos retratos favoritos de Sully. Os braços, o peito e até as pontas dos cabelos radiantes mesclavam-se imperceptivelmente na sombra vaga, mas intensa, que formava o fundo do quadro. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada em estilo mourisco. Como objeto de arte, nada poderia ser mais admirável que a própria pintura. No entanto, talvez não tenha sido nem a execução do trabalho, nem a beleza imortal da fisionomia que me impressionaram com tanta veemência. Ainda menos poderia acreditar que minha imaginação, despertando de uma espécie de sono, confundira o rosto com o de uma pessoa viva. Percebi de imediato que as peculiaridades do desenho, do estilo *vignette* e da moldura logo afastaram essa ideia e até devem ter evitado que eu a acalentasse por alguns momentos. Pensando seriamente nesses pontos, permaneci, talvez por uma hora, meio sentado, meio reclinado, concentrado no retrato. Afinal, satisfeito com o segredo verdadeiro de seu efeito, tornei a deitar na cama. Descobri que o encanto do quadro residia em uma expressão absoluta de *vida*, que a princípio me surpreendeu e depois me subjugou e amedrontou. Com um profundo e reverente pavor, recoloquei o candelabro em sua posição anterior. Como a causa de minha grande agitação proviesse da visão do quadro, procurei ansiosamente o volume que discutia as pinturas e suas histórias. Buscando a página que tratava do retrato oval, li as seguintes palavras, vagas e curiosas:



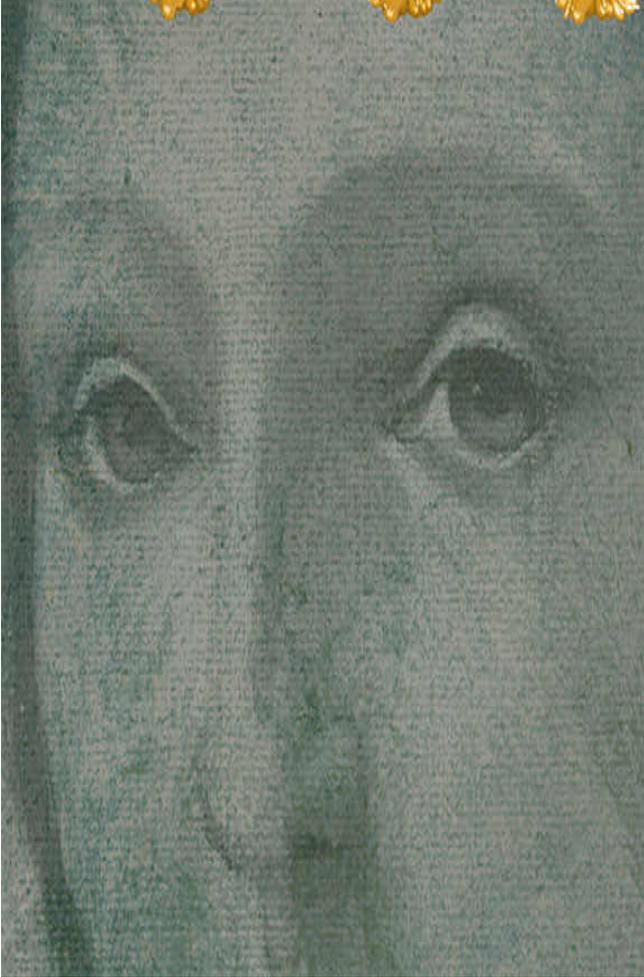
“Era uma donzela de rara beleza, e tão alegre quanto linda. Sua desgraça começou no momento em que viu o pintor, apaixonou-se e com ele se casou. Ele, passional, estudioso, austero, tinha a Arte como esposa; ela, uma donzela de rara beleza, e tão alegre quanto linda; toda luz e sorrisos, travessa como uma corça jovem; amando e apreciando todas as coisas; odiando apenas a Arte, que era sua rival; temendo apenas a paleta e os pincéis e outros instrumentos indóceis que a privavam de seu adorado. Para essa jovem era, portanto, terrível ouvir o pintor falar de seu desejo de fazer um retrato de sua jovem esposa. Mas ela era humilde e obediente e, por várias semanas, posou docilmente sentada no quarto alto e escuro da torre, onde a luz que recaía sobre a tela pálida só penetrava pelo teto. Para o pintor, porém, a obra era a sua glória, e ele a prosseguiu por horas e dias. Era um homem cheio de paixão, arrebatado e taciturno, que se perdia em devaneios; assim, não quis perceber que a luz que tão parcamente iluminava aquela pequena torre solitária fazia a saúde e o espírito de sua esposa fenecer, e era visível para todos, exceto para ele, que a jovem mulher se consumia. Ela, no entanto, continuava sorrindo e não se queixava, porque percebia que o pintor (muito famoso) sentia um prazer vivo e ardente em sua tarefa e trabalhava arduamente dia e noite para pintar aquela que tanto amava e que a cada dia ficava mais fraca e abatida. Aqueles que contemplavam o retrato comentavam em voz baixa a maravilhosa semelhança do retrato com a modelo, prova poderosa do amor profundo do pintor por aquela a quem pintava tão admiravelmente bem. Afinal, quando o trabalho estava chegando ao fim, ninguém mais foi admitido na torre: o pintor enlouquecera no ardor de seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela; nem mesmo olhava para a fisionomia da esposa. E ele não quis ver que as tintas que espalhava pela tela eram retiradas das faces dela, sentada ao seu lado. Passadas muitas semanas, quando pouco mais havia a ser feito, exceto uma pincelada na boca e algum retoque no olho, a alma da jovem estremeceu como a chama de uma vela que se apaga. E então foram dados a pincelada e o retoque; e, por um momento, o pintor parou arrebatado diante de seu trabalho; contudo, no minuto seguinte, enquanto ainda contemplava sua obra, começou a tremer e empalidecer e, horrorizado, gritou a plenos pulmões: isto é de fato a própria Vida! E voltou-se para olhar sua amada. *Ela estava morta!*”.

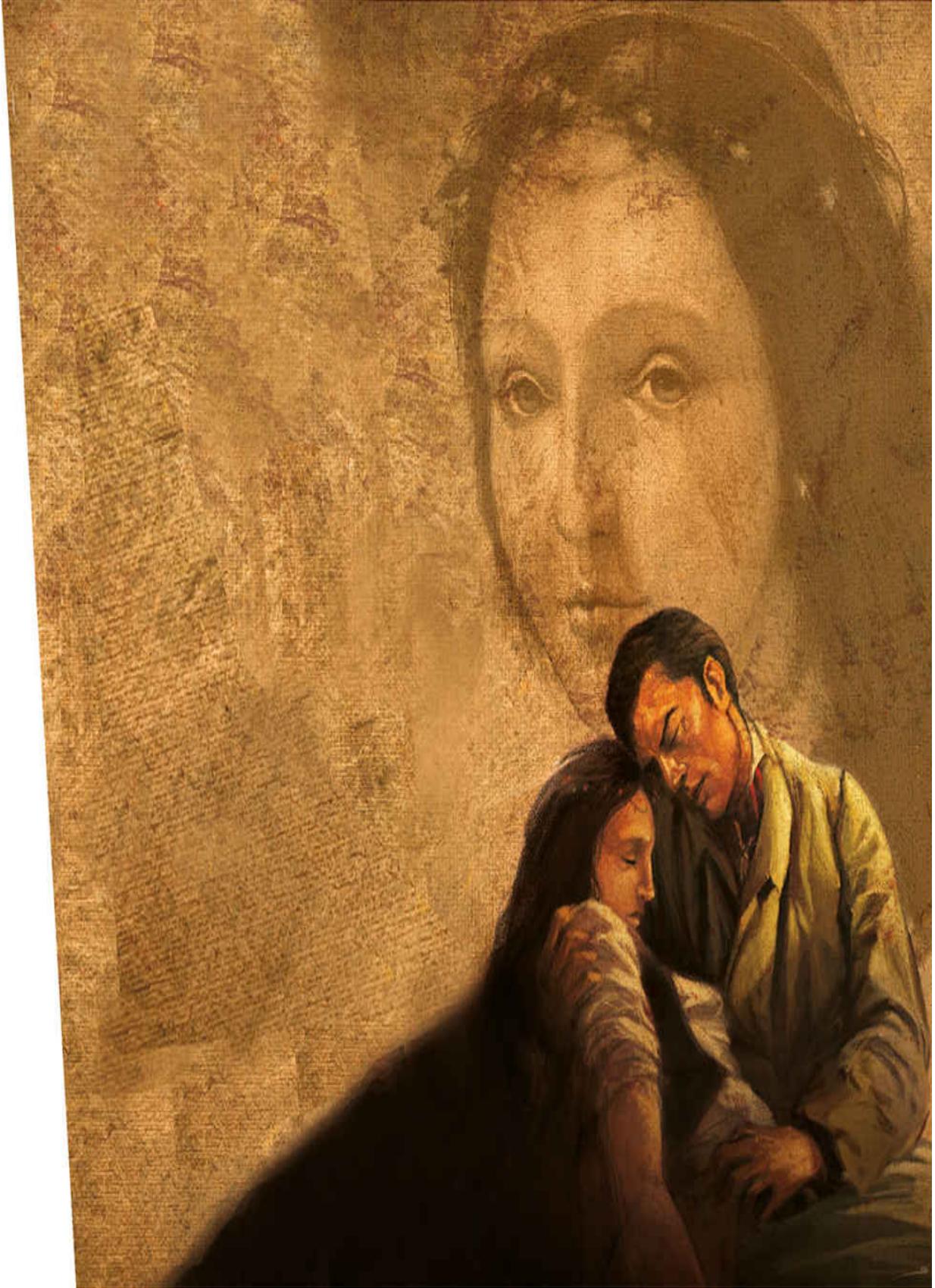








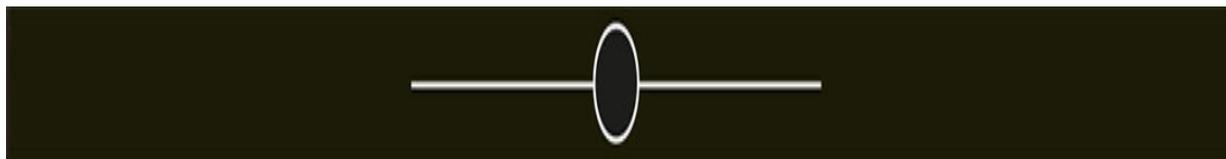


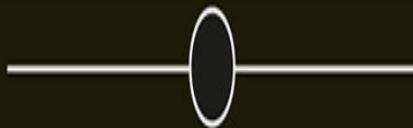


EDGAR ALLAN POE nasceu em Boston, Estados Unidos, em 1809. Perdeu os pais aos 2 anos e foi adotado pelo casal Allan, com o qual se mudou para Londres. Em meio à paisagem de castelos e antigos casarões – que lhe proporcionavam inevitáveis impressões de horror –, Poe desenvolveu seus estudos, dando várias demonstrações de talento precoce.

Mais tarde, voltou para os Estados Unidos, onde produziu vasta obra literária. Ganhou diversos concursos com seus fabulosos contos e adquiriu fama e dinheiro como redator de vários jornais. Mas Poe era um gênio atormentado e desperdiçou muito do seu tempo e do seu dinheiro com jogo e álcool. Vítima de seus vícios, ele morreu em outubro de 1849.

Sua obra compreende mais de 50 poemas, 2 romances, mais de 70 contos, 1 tratado filosófico e grande quantidade de ensaios.





O ilustrador **POLY BERNATENE** nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1972. É formado pela Escola Nacional de Belas-Artes, que lhe ensinou o manejo de várias técnicas artísticas. Poly trabalhou em publicidade, em desenho animado e, nos últimos anos, é colaborador do periódico *Clarín*. Além disso, tem se dedicado à ilustração de livros para crianças e jovens, publicando diversos títulos – muitos premiados – na Argentina, México, Espanha, Austrália, Inglaterra e Estados Unidos.



Notas

Capítulo I

¹ Famosa peça teatral de Victor Hugo, muito popular no século XIX.

Capítulo II

² Pequena lanterna portátil, com portinhola móvel para controlar a saída da luz.

³ Besouro que, segundo uma crença muito antiga, anuncia a morte.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Título original: *Historias Extraordinarias*

© 2004 Editorial Guadal S.A., Argentina

Ilustrações: Poly Bernatene

Tradução: Antonio Carlos Vilela

Conversão para ePub: Loope Editora www.loope.com.br

Revisão do e-book: Marina Pastore

Direitos de publicação:

© 2006 Editora Melhoramentos Ltda.

1ª edição digital, abril de 2019

ISBN: 978-85-06-08551-6 (digital)

ISBN: 978-85-06-05828-2 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 729 – CEP 01031-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br



Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[A Máscara da Morte Vermelha](#)

[O Coração Revelador](#)

[O Gato Preto](#)

[O Retrato Oval](#)

[Sobre o autor](#)

[Sobre o ilustrador](#)

[Créditos](#)